

I.

O drama, como todo objectivo, compõe-se organicamente de trez partes - das pessoas ou caracteres; da entreacção d'essas pessoas; e da acção ou fabula, per meio e atravez da qual essa entreacção se realiza, essas pessoas se manifestam. Producto subjectivo assim composto, o drama provém de trez qualidades - do instincto psychologico, que cria e informa os caracteres, e depois os vae descobrindo uns per meio dos outros; do instincto dramatico, que inventa ou renova a fabula, e dispõe o seu seguimento; do instincto artistico, que ordena a operação dos outros dois na construcção harmonica do todo, como na execução formal de cada parte.

Ao dramaturgo, para que de natureza o seja, são necessarios estes trez instinctos; e, se o nome ~~lhe~~ ha de ~~convir~~ valer como elogio, um ou outro tem que haver nelle em grau notavel. Conviria, porcerto, que nelle existissem todos, não só em grau notavel, senão tambem no mesmo grau; para que a obra fosse, ao mesmo tempo, inspirada e harmonica. Mas a imperfeição da natureza não permittiu ainda que um ingenho tal nascesse; seria porventura um monstro de perfeição, o *monstrum vitio carens* do poeta. Houve, sim, um Shakespeare, psychologo sem equal, porém artista irregular e dramatisa imperfecto; houve um Molière, grande dramatisa, porém artista e psychologo insufficiente; e outros houve que não esqueço, e omitto. ~~Só dos gregos, num nivel que na psychologia não é o de Shakespeare, nem na arte da acção podia ser o de Molière, os seguiram~~, ~~pelo instincto de harmonia que os distinguu como povo, a posse d'~~ <sup>/houve quem</sup> ~~aquellas trez qualidades predominando, e contudo, a artistica em quasi equal plenitude.~~

II.

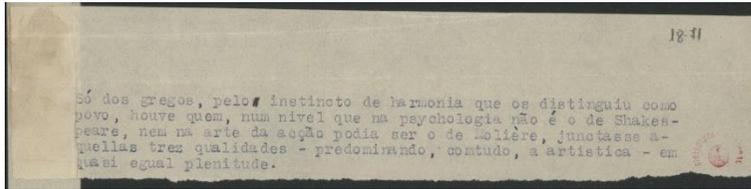
Áquellas trez qualidades chamámos instinctos, como, com differente propriedade, poderíamos ter chamado intuições. Intendemos, em primeiro logar, empregar um termo por onde logo se visse são, não faculdades distinctas da intelligencia, movidas de fóra pola vontade, e porisso, como não soffrem alteração, impotentes de exceder os limites proprios da intelligencia, que por natureza comprehende mas não cria; porém applicações differentes da mesma intelligencia, que, informada por impulsos distinctos da indole, se consubstancia com elles, para que operem, tomando de cada um a sua distincção especial, como tambem a sua qualidade generica, que é a de crear.

Se dos dois termos applicaveis elegemos, como melhor, o de instincto, foi porque a esta razão um'outra ainda se junctou. Não ha dramaturgo verdadeiro sem que exista nelle em grau notavel uma ou outra d'aquellas qualidades; e são necessariamente, como acabámos de ver, não faculdades da intelligencia, senão disposições da indole. Quando, porém, uma disposição da indole existe em nós em grau notavel, e de modo portanto que determina o character e as inclinações, essa qualidade, por tal ser, denota que é uma fixação da hereditariedade, embora por variação, e que porisso em tudo se

# MODERNISMO

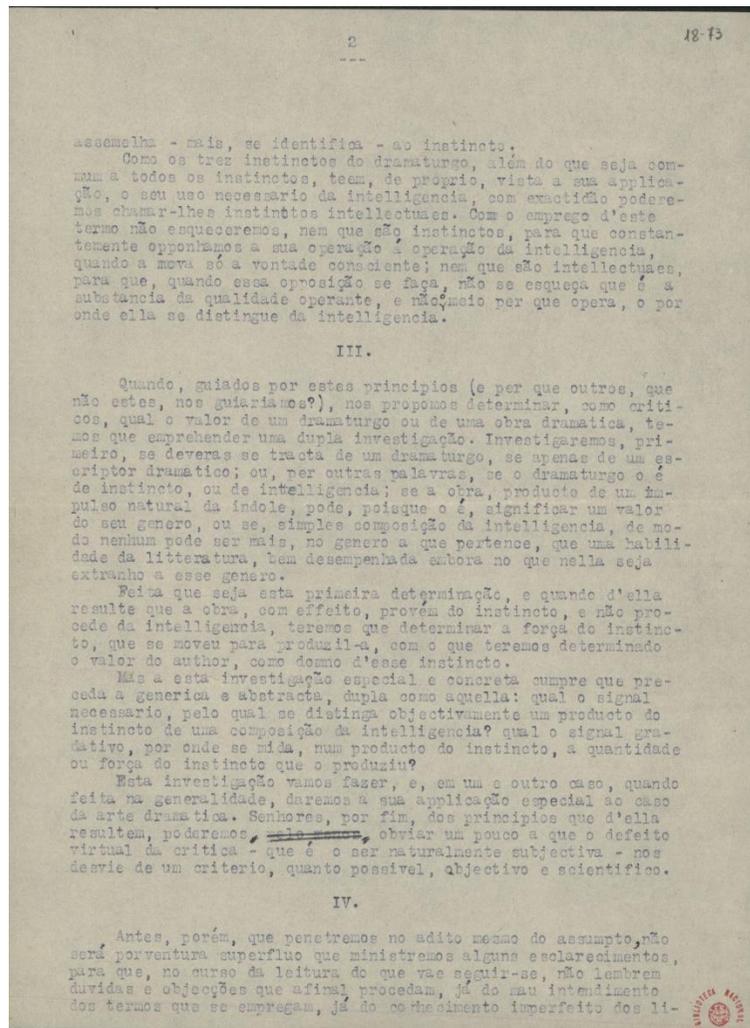
Arquivo Virtual da Geração de Orpheu

BNP/E3, 18 - 71<sup>r</sup>



Transcrição

Só dos gregos, pelo instinto de harmonia que os distinguiu como povo, houve quem, num nível que na psychologia não é o de Shakespeare, nem na arte da acção podia ser o de Molière, junctasse aquellas tres qualidades - predominando, contudo, a artistica - em quasi equal plenitude.



assemelha - mais, se identifica - ao instinto.

Como os trez instinctos do dramaturgo, além do que seja commum a todos os instinctos, teem, de proprio, vista a sua applicação, o seu uso necessario da intelligencia, com exactidão poderemos chamar-lhes instinctos intellectuaes. Com o emprego d'este termo não esqueceremos, nem que são instinctos, para que constantemente opponhamos a sua operação á operação da intelligencia, quando a mova só a vontade consciente; nem que são intellectuaes, para que, quando essa opposição se faça, não se esqueça que é a substancia da qualidade operante, e não o meio per que opera, o por onde ella se distingue da intelligencia.

### III.

Quando, guiados por estes principios (e per que outros, que não estes, nos guiaríamos?), nos propomos determinar, como criticos, qual o valor de um dramaturgo ou de uma obra dramatica, temos que emprehender uma dupla investigação. Investigaremos, primeiro, se deveras se tracta de um dramaturgo, se apenas de um escriptor dramatico; ou, per outras palavras, se o dramaturgo o é de instincto, ou de intelligencia; se a obra, producto de um impulso natural da indole, pode, poisque o é, significar um valor do seu genero, ou se, simples composição da intelligencia, de modo nenhum pode ser mais, no genero a que pertence, que uma habilidade da litteratura, bem desempenhada embora no que nella seja extranho a esse genero.

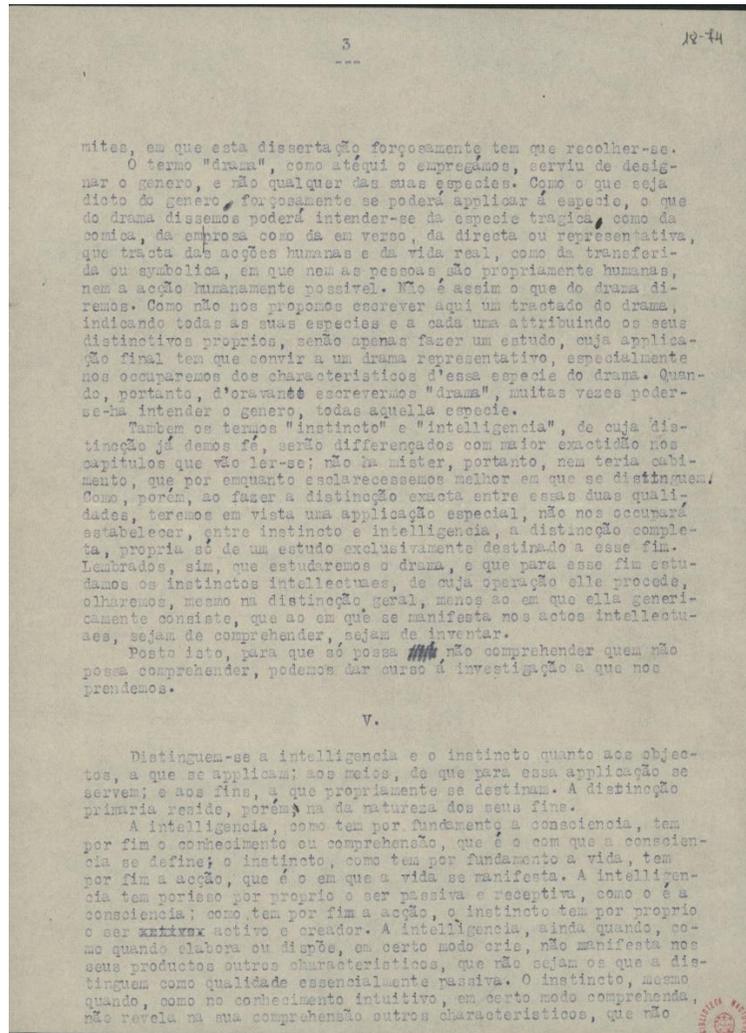
Feita que seja esta primeira determinação, e quando d'ella resulte que a obra, com effeito, provem do instincto, e não procede da intelligencia, teremos que determinar a força do instincto, que se moveu para produzi-la, com o que teremos determinado o valor do author, como domno d'esse instincto.

Mas a esta investigação especial e concreta cumpre que preceda a generica e abstracta, dupla como aquella: qual o signal necessario, pelo qual se distinga objectivamente um producto do instincto de uma composição da intelligencia? Qual o signal gradativo, por onde se mida, num producto do instincto, a quantidade ou força do instincto que o produziu?

Esta investigação vamos fazer, e, em um e outro caso, quando feita na generalidade, daremos a sua applicação especial ao caso da arte dramatica. Senhores, por fim, dos principios que d'ella resultem, poderemos, ~~pelo menos~~, obviar um pouco a que o defeito virtual da critica - que é o ser naturalmente subjectiva - nos desvie de um criterio, quanto possivel, objectivo e scientifico.

### IV.

Antes, porém, que penetremos no adito do assumpto, não será porventura superfluo que ministremos alguns esclarecimentos, para que, no curso da leitura do que vae seguir-se, não lembrem duvidas e objecções que afinal procedam, já do mau intendmento dos termos que se empregam, já do conhecimento imperfeito dos li-



mites, em que esta dissertação forçosamente tem que recolher-se.

O termo "drama", como até aqui o empregámos, serviu de designar o genero, e não qualquer das suas especies. Como o que seja dicto do genero, forçosamente se poderá applicar á especie, o que do drama dissemos poderá intender-se da especie tragica, como da comica, da em prosa como da em verso, da directa ou representativa, que tracta das acções humanas e da vida real, como da transferida ou symbolica, em que nem as pessoas são propriamente humanas, nem a acção humanamente possivel. Não é assim o que do drama diremos. Como não nos propomos escrever aqui um tractado do drama, indicando todas as suas especies e a cada uma attribuindo os seus distinctivos proprios, senão apenas fazer um estudo, cuja applicação final tem que convir a um drama representativo, especialmente nos occuparemos dos caracteristicos d'essa especie do drama. Quando, portanto, d'oravante escrevermos "drama", muitas vezes poder-se-ha intender o genero, toda aquella especie.

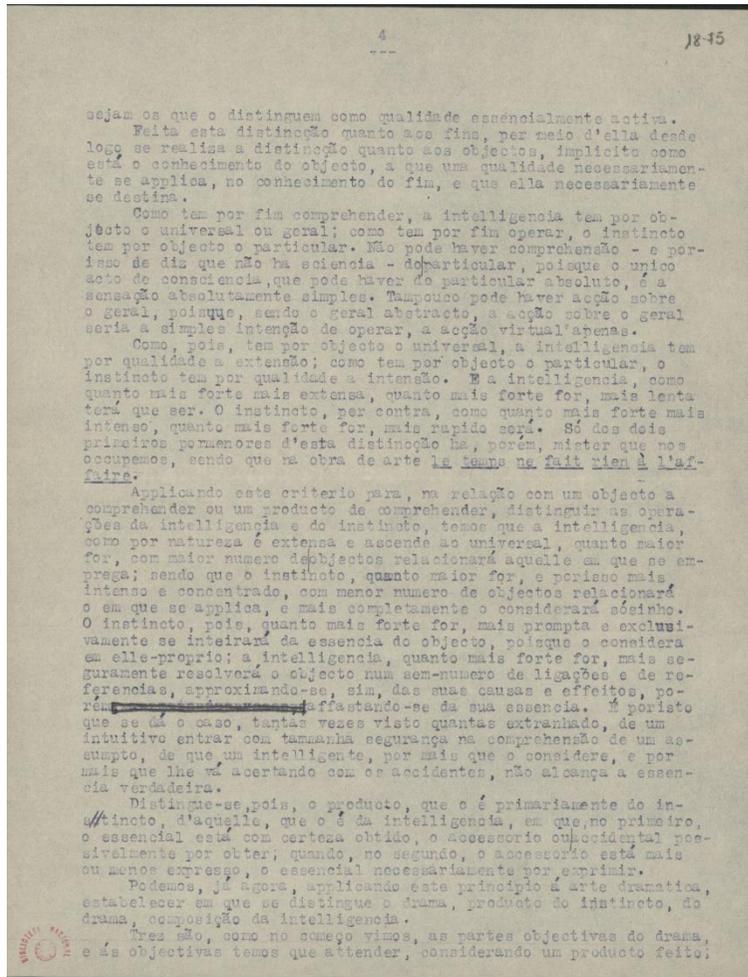
Tambem os termos "instincto" e "intelligencia", de cuja distincção já demos fé, serão differenciados com maior exactidão nos capitulos que vão ler-se; não ha mister, portanto, nem teria cabimento, que por emquanto esclarecessemos melhor em que se distinguem. Como, porém, ao fazer a distincção exacta entre essas duas qualidades, teremos em vista uma applicação especial, não nos occupará estabelecer, entre instincto e intelligencia, a distincção completa, propria só de um estudo exclusivamente destinado a esse fim. Lembrados, sim, que estudaremos o drama, e que para esse fim estudamos os instinctos intellectuaes, de cuja operação elle procede, olharemos, mesmo na distincção geral, menos ao em que ella genericamente consiste, que ao em que se manifesta nos actos intellectuaes, sejam de comprehender, sejam de inventar.

Posto isto, para que só possa não comprehender quem não possa comprehender, podemos dar curso á investigação a que nos prendemos.

V.

Distinguem-se a intelligencia e o instincto quanto aos objectos, a que se applicam; aos meios, de que para essa applicação se servem; e aos fins, a que propriamente se destinam. A distincção primaria reside, porém, na da natureza dos seus fins.

A intelligencia, como tem por fundamento a consciencia, tem por fim o conhecimento ou comprehensão, que é o com que a consciencia se define; o instincto, como tem por fundamento a vida, tem por fim a acção, que é o em que a vida se manifesta. A intelligencia tem porisso por proprio o ser passiva e receptiva, como o é a consciencia; o instincto tem por proprio o ser ~~activo~~ activo e creador. A intelligencia, ainda quando, como quando elabora ou dispõe, em certo modo crie, não manifesta nos seus productos outros caracteristicos, que não sejam os que a distinguem como qualidade essencialmente passiva. O instincto, mesmo quando, como no conhecimento intuitivo, em certo modo comprehenda, não revela na sua comprehensão outros caracteristicos, que não



sejam os que o distinguem como qualidade essencialmente activa.

Feita esta distincção quanto aos fins, per meio d'ella desde logo se realiza a distincção quanto aos objectos, implicito como está o conhecimento do objecto, a que uma qualidade necessariamente se applica, no conhecimento do fim, e que ella necessariamente se destina.

Como tem por fim comprehender, a intelligencia tem por objecto o universal ou geral; como tem por fim operar, o instincto tem por objecto o particular. Não pode haver comprehensão - e porisso se diz que não ha sciencia - do particular, poisque o unico acto de consciencia, que pode haver do particular absoluto, é a sensação absolutamente simples. Tampouco pode haver acção sobre o geral, poisque, sendo o geral abstracto, a acção sobre o geral seria a simples intenção de operar, a acção virtual apenas.

Como, pois, tem por objecto o universal, a intelligencia tem por qualidade a extensão; como tem por objecto o particular, o instincto tem por qualidade a intensão. E a intelligencia, como quanto mais forte mais extensa, quanto mais forte for, mais lenta terá que ser. O instincto, per contra, como quanto mais forte mais intenso, quanto mais forte for, mais rapido será. Só dos dois primeiros pormenores d'esta distincção ha, porém, mister que nos occupemos, sendo que na obra de arte *le temps ne fait rien à l'affaire*.

Applicando este criterio para, na relação com um objecto a comprehender ou um producto de comprehender, distinguir as operações da intelligencia e do instincto, temos que a intelligencia, como por natureza é extensa e ascende ao universal, quanto maior for, com maior numero de objectos relacionará aquelle em que se emprega; sendo que o instincto, quanto maior for, e porisso mais intenso e concentrado, com menor numero de objectos relacionará o em que se applica, e mais completamente o considerará sósinho. O instincto, pois, quanto mais forte for, mais prompta e exclusivamente se inteirará da essencia do objecto, poisque o considera em elle-proprío; a intelligencia, quanto mais forte for, mais seguramente resolverá o objecto num sem-numero de ligações e de referencias, approximando-se, sim, das suas causas e effectos, porém affastando-se da sua essencia. É poristo que se dá o caso, tantas vezes visto quantas extranhado, de um intuitivo entrar com tamanha segurança na comprehensão de um assumpto, de que um intelligente, por mais que o considere, e por mais que lhe vá acertando com os accidentes, não alcança a essencia verdadeira.

Distingue-se, pois, o producto, que o é primariamente do instincto, d'aquelle, que o é da intelligencia, em que, no primeiro, o essencial está com certeza obtido, o accessorio ou accidental possivelmente por obter; quando, no segundo, o accessorio está mais ou menos expresso, o essencial necessariamente por exprimir.

Podemos, já agora, applicando este principio á arte dramatica, estabelecer em que se distingue o drama, producto do instincto, do drama, composição da intelligencia.

Trez são, como no começo vimos, as partes objectivas do drama, e ás objectivas temos que attender, considerando um producto feito;

18-76

5  
---

são ellas as pessoas, a entreacção das pessoas, e a fabula.

O essencial, quanto ás pessoas, é que sejam naturaes e humanas, e, como ellas se manifestam pelo dialogo, a virtude prima do dramaturgo, neste ponto, é que escreva um dialogo natural; quanto á entreacção das pessoas, que provenha de seus caracteres, e não da fabula, que deve ser como a condição, e não a causa, da entreacção; quanto á fabula, que pareça proceder da entreacção dos caracteres e não da invenção do author, acontecer porque elles existam e não para que elles existam - que pareça, ~~na verdade, ser, não fabula, senão vida.~~

Parece, sem duvida, que estes requisitos objectivos dos instinctos dramaticos, como são facéis de expor, serão tambem facéis de ~~alcançar~~ alcançar; julgareis que uma intelligencia prudentemente applicada conseguirá, sem grande esforço, a sua execução. Como em tudo, quanto é do instincto, assim parece e assim não é. Considerae, com critica segura, qualquer drama vulgarmente celebre; vereis quão poucas vezes o dialogo, a entreacção, a acção, são como na vida, quão poucas a produção dramatica apresenta aquelles signaes necessarios do producto do instincto. Escriptores intelligentes ha muitos, porque ha muitos homens intelligentes, e que o são ainda mais por cultivados; o dramaturgo de instincto, porém, tem que nascel-o, e a natureza é menos prodiga de valores, que os homens da imitação d'elles.

Ver-se-ha isto melhor reparando, depois de nos essenciaes do drama, nos seus accessorios. São accessorios principaes do drama: quanto ás pessoas, que o seu dialogo seja em linguagem intelligivel e, quanto caiba, boa; quanto á entreacção das pessoas, que não seja absurda quanto aos seus motivos; quanto á fabula, que seja plausivel e, quanto possa ser, nova. Isto, sim, podereis encontrar, não só, com outras qualidades, nos dramaturgos de instincto que sejam tambem cultivados, como tambem, sem essas outras, nos bons escriptores que a intelligencia, não o Destino, fez ~~drãma~~ dramaturgos.

VI.

Provado que um dramaturgo o é de instincto, não está com isso provado que elle tenha valor como dramaturgo, porém apenas que pode tel-o. O ser de instincto é a condição do valor, não o valor mesmo. Determinados já, portanto, os signaes necessarios, pelos quaes se conheça, de-prompto, o producto do instincto, caberá agora descobrir qual possa ser o criterio seguro, pelo qual, nesse producto, se distinga o maior do menor, se determine, de um instincto e porisso de seu domno, quanto vale e porque o vale.

Servir-nos-ha de guia nesse descobrimento a distincção, que falta fazer, quanto á intelligencia e ao instincto; e ella a distincção que entre elles ha quanto aos meios, de que se servem.

A intelligencia, como tem por objecto o universal ou geral, tem necessariamente por meio o particular; como alcançaria ella o universal, senão partindo do particular, que tira da sensação, em que ella se appoia, e que só do particular tem conhecimento? O instincto, como tem por objecto o particular, tem forçosamente por meio o geral; pois como procuraria elle o particular, se não

são ellas as pessoas, a entreacção das pessoas, e a fabula.

O essencial, quanto ás pessoas, é que sejam naturaes e humanas, e, como ellas se manifestam pelo dialogo, a virtude prima do dramaturgo neste ponto, é que escreva um dialogo natural; quanto á entreacção das pessoas, que provenha de seus caracteres, e não da fabula, que deve ser como a condição, e não a causa, da entreacção; quanto á fabula, que pareça proceder da entreacção dos caracteres e não da invenção do author, acontecer porque elles existam e não para que elles existam - que pareça, ~~na verdade, ser, não fabula, senão vida.~~

Parece, sem duvida, que estes requisitos objectivos dos instinctos dramaticos, como são facéis de expor, serão tambem facéis de ~~effeitu~~ alcançar; julgareis que uma intelligencia prudentemente applicada conseguirá, sem grande esforço, a sua execução. Como em tudo, quanto é do instincto, assim parece e assim não é. Considerae, com critica segura, qualquer drama vulgarmente celebre; vereis quão poucas vezes o dialogo, a entreacção, a acção, são como a vida, quão poucas a produção dramatica apresenta aquelles signaes necessarios do producto do instincto. Escriptores intelligentes ha muitos, porque ha muitos homens intelligentes, e que o são ainda mais por cultivados; o dramaturgo de instincto, porém, tem que nascel-o, e a natureza é menos prodiga de valores, que os homens de imitação d'elles.

Ver-se-ha isto melhor reparando, depois de nos essenciaes do drama, nos seus accessorios. São accessorios principaes do drama: quanto ás pessoas, que o seu dialogo seja em linguagem intelligivel e, quanto caiba, boa; quanto á entreacção das pessoas, que não seja absurda quanto aos seus motivos; quanto á fabula, que seja plausivel e, quanto possa ser, nova. Isto, sim, podereis encontrar, não só, com outras qualidades, nos dramaturgos de instincto que sejam tambem cultivados, com tambem, sem essas outras, nos bons escriptores que a intelligencia, não o Destino, fez ~~drãma~~ dramaturgos.

VI.

Provado que um dramaturgo o é de instincto, não está com isso provado que elle tenha valor como dramaturgo, porém apenas que pode tel-o. O ser de instincto é a condição do valor, não o valor mesmo. Determinados já, portanto, os signaes necessarios, pelos quaes se conheça, de-prompto, o producto do instincto, caberá agora descobrir qual possa ser o criterio seguro, pelo qual, nesse producto, se distinga o maior do menor, se determine, de um instincto e porisso de seu domno, quanto vale e porque o vale.

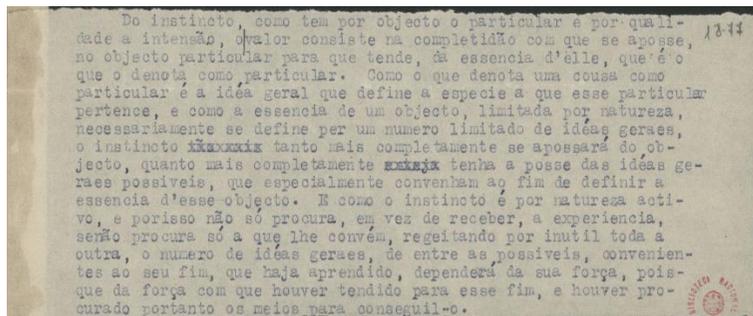
Servir-nos-ha de guia nesse descobrimento a distincção, que falta fazer, quanto á intelligencia e ao instincto; é ella a distincção que entre elles ha quanto aos meios, de que se servem.

A intelligencia, como tem por objecto o universal ou o geral, tem necessariamente por meio o particular; como alcançaria ella o universal, senão partindo do particular, que tira da sensação, em que ella se appoia, e que só do particular tem conhecimento? O instincto, como tem por objecto o particular, tem forçosamente por meio o geral; pois como procuraria elle o particular, se não

# MODERNISMO

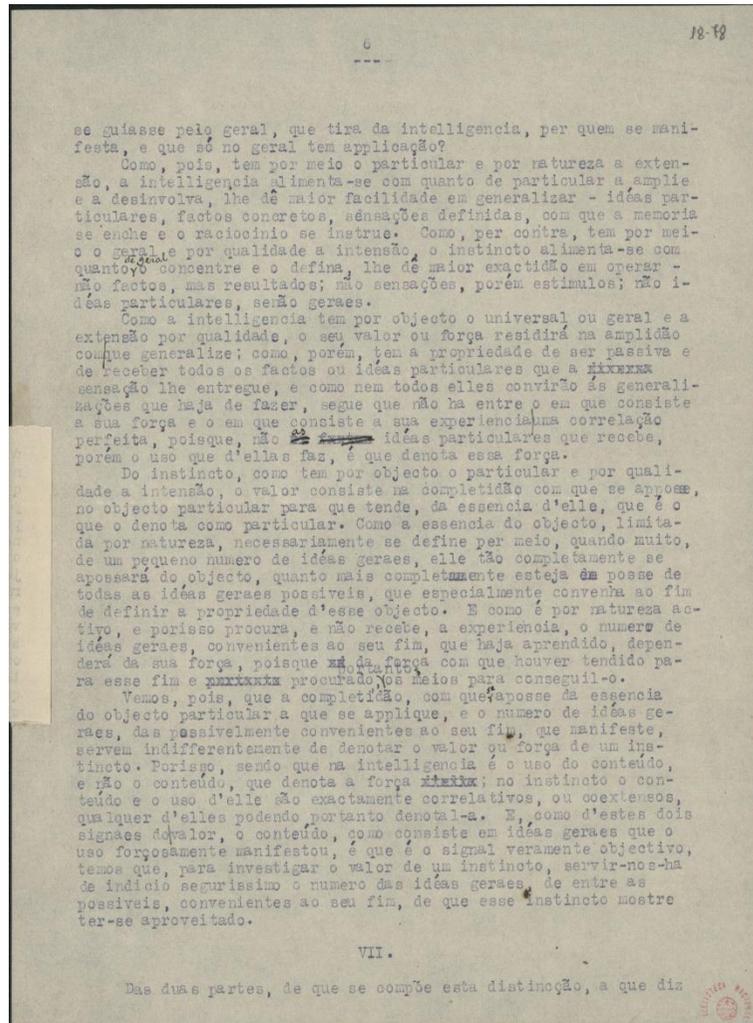
Arquivo Virtual da Geração de Orpheu

BNP/E3, 18 - 77<sup>r</sup>



Transcrição

Do instinto, como tem por objecto o particular e por qualidade a intensão, o valor consiste na completidão com que se apossa no objecto particular para que tende, da essência d'elle, que é o que o denota como particular. Como o que denota uma cousa como particular é a idéa geral que define a especie a que esse particular pertence, e como a essência de um objecto, limitada por natureza, necessariamente se define per um numero limitado de idéas geraes, o instinto ~~quanto~~ tanto mais completamente se apossará do objecto, quanto mais completamente ~~esteja~~ tenha a posse das idéas geraes possíveis, que especialmente convenham ao fim de definir a essência d'esse objecto. E como o instinto é por natureza activo, e porisso não só procura, em vez de receber, a experiencia, senão procura só a que lhe convém, regeitando por inutil toda a outra, o numero de idéas geraes, de entre as possíveis, convenientes ao seu fim, que haja aprendido, dependerá da sua força, poisque da força que houver tendido para esse fim, e houver procurado portanto os meios para conseguil-o.



se guiasse pelo geral, que tira da intelligencia, per quem se manifesta, e que só no geral tem applicação?

Como, pois, tem por meio o particular e por natureza a extensão, a intelligencia alimenta-se com quanto de particular a amplie e a desinvolve, lhe dê maior facilidade em generalizar - idéas particulares, factos concretos, sensações definidas, com que a memoria se enche e o raciocinio se instrue. Como, per contra, tem por meio o geral e por qualidade a intensão, o instincto alimenta-se com quanto de geral o concentre e o defina, lhe dê maior exactidão em operar - não factos, mas resultados; não sensações, porém estimulos; não idéas particulares, senão geraes.

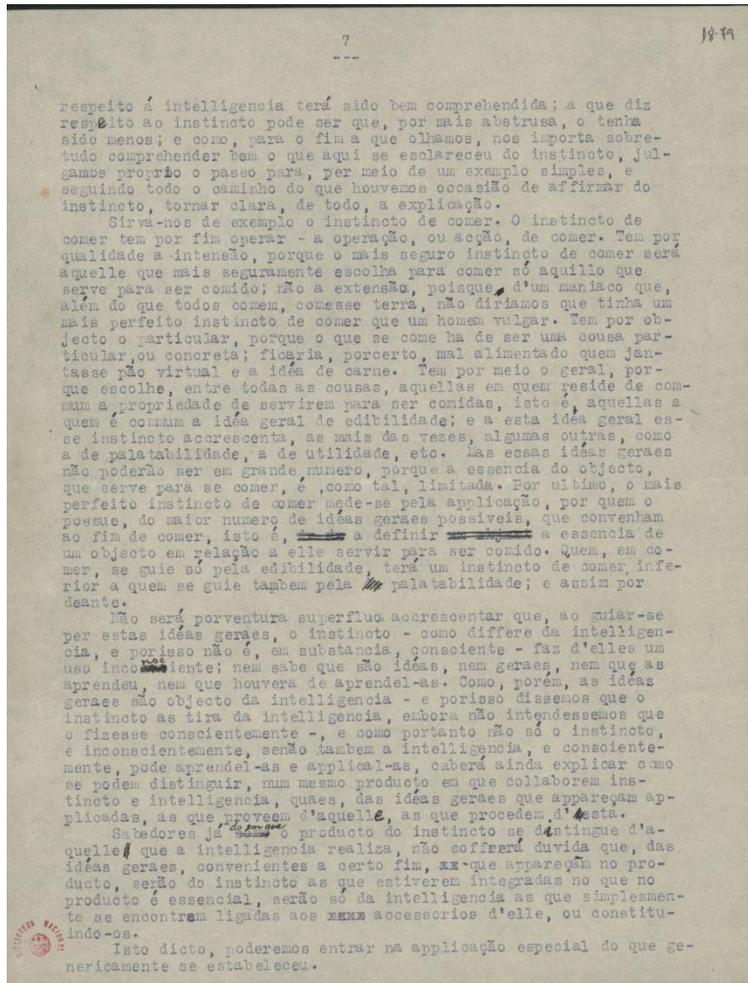
Como a intelligencia tem por objecto o universal ou geral e a extensão por qualidade, o seu valor ou força residirá na amplidão com que generalize; como, porém, tem a propriedade de ser passiva e de receber todos os factos ou idéas particulares que a ~~diversa~~ sensação lhe entregue, e como nem todos elles convirão ás generalizações que haja de fazer, segue que não ha entre o em que consiste a sua força e o em que consiste a sua experiencia uma correlação perfeita, poisque não ~~os factos~~ as idéas particulares que recebe, porém o uso que d'ellas faz, é que denota essa força.

Do instincto, como tem por objecto o particular e por qualidade a intensão, o valor consiste na completidão com que se appose, no objecto particular para que tende, da essencia d'elle, que é o que o denota como particular. Como a essencia do objecto, limitada por natureza, necessariamente se define per meio, quando muito, de um pequeno numero de idéas geraes, elle tão completamente se apposará do objecto, quanto mais completamente se esteja em posse de todas as idéas geraes possíveis, que especialmente convenha ao fim de definir a propriedade d'esse objecto. E como é por natureza activo, e porisso procura, e não recebe, a experiencia, o numero de idéas geraes, convenientes ao seu fim, que haja aprendido, dependerá da sua força, poisque ~~se~~ da força com que houver tendido para esse fim e ~~portanto~~ procurado, portanto, os meios para conseguil-o.

Vemos, pois, que a completidão, com se appose da essencia do objecto particular a que se applique, e o numero de idéas geraes, das possivelmente convenientes ao seu fim, que manifeste, servem indifferentemente de denotar o valor ou força de um instincto. Porisso, sendo que na intelligencia é o uso do conteúdo, e não o conteúdo, que denota a força ~~d'elle~~; no instincto o conteúdo e o uso d'elle são exactamente correlativos, ou coextensos, qualquer d'elles podendo portanto denotal-a. E, como d'estes dois signaes do valor, o conteúdo, como consiste em idéas geraes que o uso forçosamente manifestou, é que é o signal veramente objectivo, temos que, para investigar o valor de um instincto, servir-nos-ha de indicio segurissimo o numero das idéas geraes, de entre as possíveis, convenientes ao seu fim, de que esse instincto mostre ter-se aproveitado.

VII.

Das duas partes, de que se compõe esta distincção, a que diz



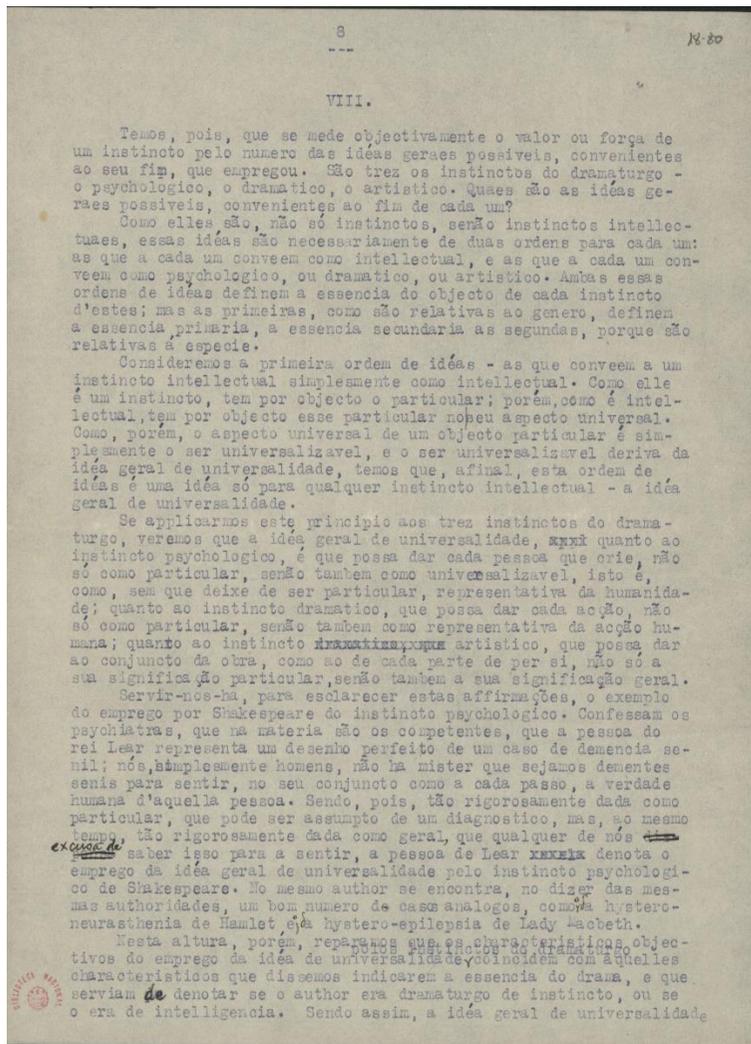
respeito á intelligencia terá sido bem comprehendida; a que diz respeito ao instincto pode ser que, por mais abstrusa, o tenha sido menos; e como, para o fim a que olhamos, nos importa sobretudo comprehender bem o que aqui se esclareceu do instincto, julgamos proprio o passo para, per meio de um exemplo simples, e seguindo todo o caminho do que houvesmos occasião de affirmar do instincto, tornar clara, de todo, a explicação.

Sirva-nos de exemplo o instincto de comer. O instincto de comer tem por fim operar - a operação, ou acção, de comer. Tem por qualidade a intensão, porque o mais seguro instincto de comer será aquelle que mais seguramente escolha para comer só aquillo que serve para ser comido; não a extensão, poisque, d'um maniaco que, além do que todos comem, comesse terra, não diriamos que tinha um mais perfeito instincto de comer que um homem vulgar. Tem por objecto o particular, porque o que se come ha de ser uma cousa particular, ou concreta; ficaria, porcerto, mal alimentado quem jantasse pão virtual e a idéa de carne. Tem por meio o geral, porque escolhe, entre todas as cousas, aquellas a quem reside de commum a propriedade de servirem para ser comidas, isto é, aquellas a quem é commum a idéa geral de edibilidade; e a esta idéa geral esse instincto accrescenta, as mais das vezes, algumas outras, como a de palatabilidade, a de utilidade, etc. Mas essas idéas geraes não poderão ser em grande numero, porque a essencia do objecto, que serve para se comer, é, como tal, limitada. Por ultimo, o mais perfeito instincto de comer mede-se pela applicação, por quem o possui, do maior numero de idéas geraes possiveis, que convenham ao fim de comer, isto é, de definir ~~um~~ ~~object~~ a essencia de um objecto em relação a elle servir para ser comido. Quem, em comer, se guia só pela edibilidade, terá um instincto de comer inferior a quem se guia tambem pela ~~de~~ palatabilidade; e assim por deante.

Não será porventura superfluo accrescentar que, ao guiar-se per estas idéas geraes, o instincto - como differe da intelligencia, e porisso não é, em substancia, consciente - faz d'elles um uso inconsciente; nem sabe que são idéas, nem geraes, nem que as aprendeu, nem que houvera de aprendel-as. Como, porém, as idéas geraes são objecto da intelligencia - e porisso dissemos que o instincto as tira da intelligencia, embora não intendessemos que o fizesse conscientemente -, e como portanto não só o instincto, e inconscientemente, senão tambem a intelligencia, e conscientemente, pode aprendel-as e applical-as, caberá ainda explicar como se podem distinguir, num mesmo producto em que collaborem instincto e intelligencia, quaes, das idéas geraes que appareçam applicadas, as que proveem d'aquelle, as que procedem d'esta.

Sabedores já ~~como~~ do em que o producto do instinto se distingue d'aquelle que a intelligencia realiza, não soffrerá duvida que, das idéas geraes, convenientes a certo fim, ~~as~~ que appareçam no producto, serão do instincto as que estiverem integradas no que no producto é essencial, serão só da intelligencia as que simplesmente se encontram ligadas aos ~~seus~~ accessorios d'elles, ou constituindo-os.

Isto dicto, poderemos entrar na applicação especial do que genericamente se estabeleceu.



Temos, pois, que se mede objectivamente o valor ou força de um instinto pelo numero das idéas geraes possíveis, convenientes ao seu fim, que empregou. São tres os instinctos do dramaturgo - o psychologico, o dramatico, o artistico. Quaes são as idéas geraes possíveis, convenientes ao fim de cada um?

Como elles são, não só instinctos, senão instinctos intellectuales, essas idéas são necessariamente de duas ordens para cada um: as que a cada um conveem como intellectual, e as que a cada um conveem como psychologico, ou dramatico, ou artistico. Ambas essas ordens de idéas definem a essencia do objecto de cada instinto d'estes; mas as primeiras, como são relativas ao genero, definem a essencia primaria, a essencia secundaria as segundas, porque são relativas á especie.

Consideremos a primeira ordem de idéas - as que conveem a um instinto intellectual simplesmente como intellectual. Como elle é um instinto, tem por objecto o particular; porém, como é intellectual, tem por objecto esse particular no seu aspecto universal. Como, porém, o aspecto universal de um objecto particular é simplesmente o ser universalizavel, e o ser universalizavel deriva da idéa geral de universalidade, temos que, afinal, esta ordem de idéas é uma idéa só para qualquer instinto intellectual - a idéa geral de universalidade.

Se applicarmos este principio aos tres instinctos do dramaturgo, veremos que a idéa geral de universalidade, ~~app~~ quanto ao instinto psychologico, é que possa dar cada pessoa que crie, não só como particular, senão tambem como universalizavel, isto é, como, sem que deixe de ser particular, representativa da humanidade; quanto ao instinto dramatico, que possa dar cada acção, não só como particular, senão tambem como representativa da acção humana; quanto ao instinto ~~dramatico~~ artistico, que possa dar ao conjunto da obra, como ao de cada parte de per si, não só a sua significação particular, senão tambem a sua significação geral.

Servir-nos-ha, para esclarecer estas affirmações, o exemplo do emprego por Shakespeare do instinto psychologico. Confessam os psychiatras, que na materia são os competentes, que a pessoa do rei Lear representa um desenho perfeito de um caso de demencia senil; nós, simplesmente homens, não ha mister que sejamos dementes senis para sentir, no seu conjunto como a cada passo, a verdade humana d'aquella pessoa. Sendo, pois, tão rigorosamente dada como particular, que pode ser assumpto de um diagnostico, mas, ao mesmo tempo, tão rigorosamente dada como geral, que qualquer de nós ~~dispena~~ escusa de saber isso para a sentir, a pessoa de Lear ~~revela~~ denota o emprego da idéa geral de universalidade pelo instinto psychologico de Shakespeare. No mesmo author se encontra, no dizer das mesmas autoridades, um bom numero de casos analogos, como o da hystero-neurasthenia de Hamlet e o da hystero-epilepsia de Lady Macbeth.

Nesta altura, porém, reparamos que os caracteristicos objectivos do emprego da idéa de universalidade polos instinctos do dramaturgo coincidem com aquelles caracteristicos que dissemos indicarem a essencia do drama, e que serviam de denotar se o author era dramaturgo de instinto, ou se o era de intelligencia. Sendo assim, a idéa geral de universalidade

9  
---  
12-21

serve apenas de denotar a essência do instincto intellectual como intellectual, não de medir o seu valor ou força. Não que em absoluto para tal não sirva, ou que não haja, entre os dramaturgos de instincto, graus ou quantidades differentes na applicação da idéa de universalidade. Essa idéa, porém, não ministra signal objectivo nenhum pelo qual se mida o valor do instincto. Porisso, abandonando-a para esse fim, nos voltamos para a segunda ordem de idéas, que, relativas á especie e não ao genero do objecto de cada instincto dramático, definem a sua essência secundaria.

IX.

As idéas geraes possiveis que convenham ~~respectivamente~~ aos fins dos instinctos ~~psychologico, do dramático, do artistico~~ do dramaturgo, não já como intellectuaes, porém como psychologico, dramático e artistico, são necessariamente aquellas idéas geraes que orientam a psychologia, ~~a critica dramática, e a esthetica~~, pois são estas as disciplinas que definem os objectos d'aquelles instinctos. Como, porém, estas disciplinas procedem da operação do espirito na investigação da verdade, não poderemos determinar todas as idéas geraes, que caibam em cada uma d'essas disciplinas, senão apenas aquellas que se estabeleceram até uma certa epocha; e esta epocha tem que ser, para qualquer dramaturgo, a epocha em que elle vive. Para a applicação final dos princípios, que descobrimos, a um dramaturgo do nosso tempo, temos pois que assentar em quaes são as idéas geraes que definem a cultura psychologica, a cultura dramática, e a cultura artistica da nossa epocha. O talento de um dramaturgo estará manifestado no numero d'essas idéas, de que cada um dos seus instinctos se serviu. Quando se dá um caso como o de Shakespeare, instincto psychologico, ~~se~~ se serviu de idéas psychiatricas que a sua epocha lhe não podia ministrar, diremos que se tracta de um dramaturgo, não já de talento, porém de genio; mas um dramaturgo de genio, como se serve, pela adivinhação do instincto, de idéas geraes que a cultura não descobriu ainda, e que para ella, portanto, tanto podem ser idéas certas por descobrir, como desvios do recto caminho, não pode nunca ser avaliado pelos seus contemporaneos, a não ser por um ou outro cujo instincto coincida em alcance com o d'elle. Serve esta advertencia de indicar que uma investigação racionada, como esta que vamos fazendo, poderá, sendo esclarecida, acertar com a medida exacta do talento de um dramaturgo; não poderá determinar se, além do talento, elle tem genio.

Quaes são, porém, as idéas geraes ~~possiveis~~ que orientam a cultura da nossa epocha na psychologia, na critica dramática, na esthetica? Vamos vel-o, e como são em numero menor, e de ordem mais simples, as que dizem respeito ~~ao drama e á~~ as duas ultimas disciplinas, começaremos por estas, deixando as que se referem á psychologia para serem tractadas em ultimo lugar.

serve apenas de denotar a essência do instincto intellectual como intellectual, não de medir o seu valor ou força. Não que em absoluto para tal não sirva, ou que não haja, entre os dramaturgos de instincto, graus ou quantidades differentes na applicação da idéa de universalidade. Essa idéa, porém, não ministra signal objectivo nenhum pelo qual se mida o valor do instincto. Porisso, abandonando-a para esse fim, nos voltamos para a segunda ordem de idéas, que, relativas á especie e não ao genero do objecto de cada instincto dramático, definem a sua essência secundaria.

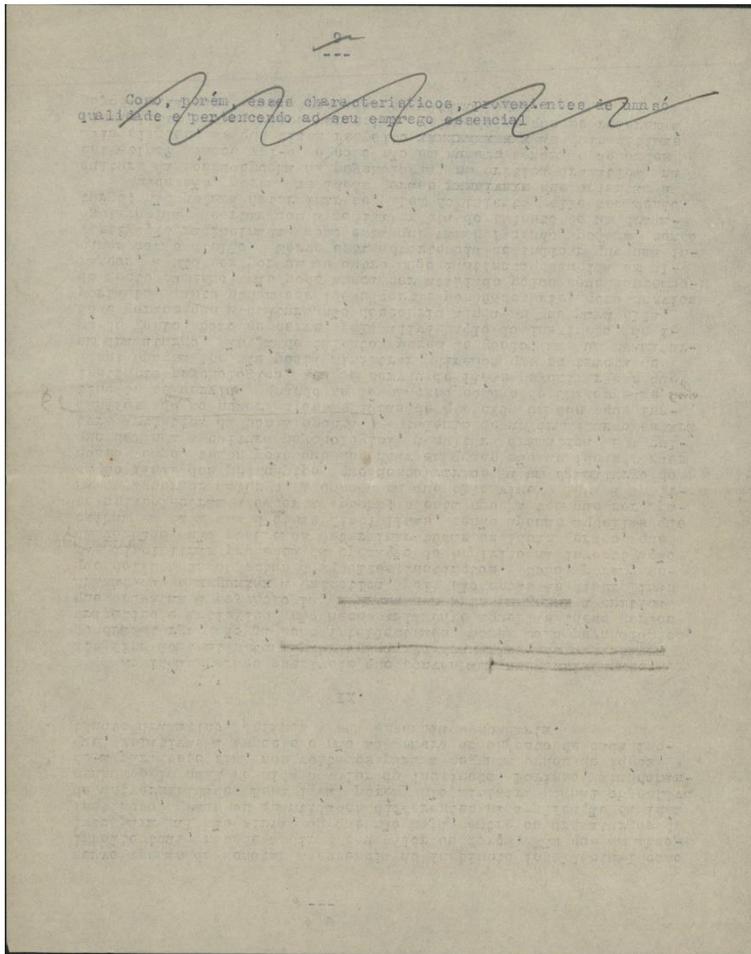
IX.

As idéas geraes possiveis que convenham, ~~respectivamente~~, aos fins dos instinctos ~~psychologico, do dramático, do artistico~~, do dramaturgo, já não como intellectuaes, porém como psychologico, dramático e artistico, são necessariamente aquellas idéas geraes que orientam a psychologia, ~~e drama e a arte com equal a critica dramática, e o gosto a esthetica~~, pois são estas as disciplinas que definem os objectos d'aquelles instinctos. Como, porém, estas disciplinas procedem da operação do espirito na investigação incompletavel da verdade, não poderemos determinar todas as idéas geraes, que caibam em cada uma d'essas disciplinas, senão apenas aquellas que se estabeleceram até uma certa epocha; e esta epocha tem que ser, para qualquer dramaturgo, a epocha em que elle vive. Para a applicação final dos princípios, que descobrimos, a um dramaturgo do nosso tempo, temos pois que assentar em quaes são as idéas geraes que definem a cultura psychologica, a cultura dramática, e a cultura artistica da nossa epocha. O talento de um dramaturgo estará manifestado no numero d'essas idéas, de que cada um dos seus instinctos se tenha servido. Quando se dá um caso como o de Shakespeare, cujo instincto psychologico, ~~que~~ se serviu de idéas psychiatricas que a sua epocha lhe não podia ministrar, diremos que se tracta de um dramaturgo, não já de talento, porém de genio; mas um dramaturgo de genio, como se serve, pela adivinhação do instincto, de idéas geraes que a cultura não descobriu ainda, e que para ella, portanto, tanto podem ser idéas certas por descobrir, como desvios do recto caminho, não pode nunca ser avaliado pelos seus contemporaneos, a não ser por um ou outro cujo instincto coincida em alcance com o d'elle. Serve esta advertencia de indicar que uma investigação racionada, como esta que vamos fazendo, poderá, sendo esclarecida, acertar com a medida exacta do talento de um dramaturgo; não poderá determinar se, além do talento, elle tem genio.

Quaes são, porém, as idéas geraes ~~possiveis~~ que orientam a cultura da nossa epocha na psychologia, na critica dramática, na esthetica? Vamos vel-o, e como são em numero menor, e de ordem mais simples, as que dizem respeito ~~ao drama e á~~ as duas ultimas disciplinas, começaremos por estas, deixando as que se referem á psychologia para serem tractadas em ultimo lugar.

BNP/E3, 18 - 81v

Transcrição



~~Como, porém, esses characteristics, provenientes de uma só qualidade e pertencendo ao seu emprego essencial~~

---

## DIREITOS ASSOCIADOS

---

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).